

ATA N.º 288

----- Aos vinte e cinco dias do mês de Abril do ano de dois mil e vinte e quatro, no auditório do Centro das Artes e do Espectáculo, reuniu a Assembleia Municipal, extraordinariamente, sob a presidência de Hermínio Pedro Marques Martins, que a convocou ao abrigo do disposto na alínea b) do n.º 1 do artigo 30º do Anexo I da Lei n.º 75/2013, de 12 de setembro.-----

----- O Presidente da Assembleia Municipal declarou aberta a sessão pelas dez horas e e trinta e seis minutos.-----

Presidente da Assembleia Municipal – Começava por cumprimentar os senhores membros da Assembleia Municipal, as senhoras e os senhores presidentes de Junta que integram a Assembleia Municipal, o senhor Presidente da Câmara, as senhoras e os senhores vereadores presentes. Esta sessão solene da Assembleia Municipal é comemorativa dos cinquenta anos do 25 de Abril de 1974 e tem como ponto único da Ordem de Trabalhos a referida comemoração dos cinquenta anos do 25 de Abril. Portanto, passará unicamente, e conforme acordado em reunião de líderes, pelas intervenções dos membros que integram a conferência dos representantes dos grupos municipais, depois o senhor Presidente da Câmara, e, por fim, o Presidente da Assembleia Municipal. Antes de iniciarmos as intervenções, eu dava a palavra à secretária Ana Veloso para aferir o quórum da Assembleia Municipal. Pedia apenas, porque é uma sessão extraordinária com muito público, que cada um dos membros se levantasse para responder à chamada.-----

----- Foram registadas as seguintes presenças:-----

- Adérito Soares-----
- Alexandre Manuel Tavares Rocha-----
- Ana Cristina da Silva Tavares-----
- Ana Maria Veloso Martins da Silva-----
- António Augusto de Macedo Cruz-----
- António Carlos Bivar Branco e Penha Monteiro-----
- António Fernando da Silva Dias-----
- Cláudia Isabel Lopes Cruz-----
- David da Silva Alves-----
- Diana Clara Bastos Rodrigues de Paiva-----
- Elga Maria do Amaral Martins da Silva-----
- Fernando Pereira Rodrigues-----
- Hermínio Pedro Marques Martins-----
- Iolanda Maria Ribeiro da Silva Matos-----
- João Rodrigues Oliveira-----
- Jorge Manuel Henriques da Graça-----
- Luís Filipe Tavares da Silva Pedro-----
- Maria Amaral Martins Pereira-----
- Paulo Alexandre Pereira Henriques Lourenço-----
- Renata Liliana da Costa Marques-----
- Sandra Marlene Rodrigues Pereira-----
- Sérgio Soares da Silva-----
- Tânia Filipa Fernandes Pinheiro-----

---- Nesta data, encontravam-se em efetividade de funções os membros da Assembleia Municipal: Adérito Soares, Alexandre Manuel Tavares Rocha, Almiro Silva Machado, Ana Cristina da Silva Tavares, Ana Maria Veloso Martins da Silva, António Augusto de Macedo Cruz, António Carlos Bivar Branco de Penha Monteiro, António Fernando da Silva Dias, Cláudia Isabel Lopes Cruz, David da Silva Alves, Diana Clara Bastos Rodrigues de Paiva, Elga Maria do Amaral Martins da Silva, Fernando Pereira Rodrigues, Hermínio Pedro Marques Martins, Iolanda Maria Ribeiro da Silva Matos, João Rodrigues de Oliveira, Jorge Manuel Henriques da Graça, José Carlos Ribeiro de Sousa, José Pedro de Bastos Costa Lemos, Luís Filipe Tavares da Silva Pedro, Maria Amaral Martins Pereira,

Maria Margarida Nunes Oliveira, Paulo Alexandre Pereira Henriques Lourenço, Pedro Miguel Martins Mendes, Renata Liliana da Costa Marques, Sandra Marlene Rodrigues Pereira, Sérgio Soares da Silva e Tânia Filipa Fernandes Pinheiro.-----

--- Da Câmara Municipal foram registadas as presenças de Pedro Amadeu Fernandes Lopes Lobo, Presidente; Paulo Sérgio Martins Nogueira, Vice-Presidente; António José Martins Coutinho, Ricardo Manuel Tavares da Silva, Paula Cristina Dias Coutinho e José Manuel Barbosa de Almeida e Costa, Vereadores.-----

--- Esteve presente Luís Figueiredo Martins, Diretor de Departamento, em apoio à Mesa. -- Verificado o quórum, o **Presidente da Assembleia Municipal** deu a primeira palavra a Sérgio Silva, Presidente da Junta de Freguesia de Couto de Esteves.-----

Sérgio Silva – Bom dia. Minhas senhoras e meus senhores, senhores ex-autarcas, senhores autarcas, senhores dirigentes das coletividades e IPSS senhores dirigentes das entidades oficiais, caríssimo Presidente da Assembleia Municipal. Cabe-me ser o primeiro a discursar nesta sessão solene da comemoração do 50º aniversário do 25 de Abril e antecipo que serei também o único nascido e crescido em liberdade. Ter nascido e crescido em liberdade não significa que comemorar esta data deixe de ser para mim motivo de responsabilidade e satisfação, pois sei o que os meus pais e o que os meus avós sofreram durante o regime ditatorial. É tempo de lembrar e agradecer a todos os que, sem alternativa, tiveram de lutar na guerra colonial, independentemente de concordarem ou não com a política ultramarina e aos que fugiram ao regime emigrando de assalto à procura de uma vida melhor... Ao mesmo tempo quero dizer que celebrar esta data parece cada vez mais um mero cumprimento de um dever. Cinquenta anos depois, uma parte dos que fizeram Abril são, aos dias de hoje, os que ainda comemoram e os que ainda nos governam e, por outro lado, quanto mais novas são as gerações, maior é o afastamento às causas, aos valores e aos princípios de Abril. Se, por um lado, não quero imaginar o momento em que deixaremos de ter os mais velhos a segurar Abril; por outro, assusta-me a falta de comprometimento dos mais novos com a democracia e o tomarem como garantida a liberdade. Abril é especialmente de todas as mulheres, a quem aqui presto os meus cumprimentos, para quem a revolução significou o início de uma caminhada na direção à igualdade de género, desde logo através da efetivação do direito ao voto e da liberdade de movimentos. A liberdade fundou-se nesta data, mas continua a construir-se diariamente. Apesar de se ter criado um Serviço Nacional de Saúde, uma escola pública e se ter conseguido a independência da justiça, importa refletir sobre o que está por fazer. Continuamos, a muitos níveis, a não ter igualdade de oportunidades para todas as pessoas pois vivemos numa sociedade onde os favores e as cunhas espreitam a cada distração nossa. Temos de continuar a provar que a liberdade é mais forte do que o medo e que o dito chico-espertismo não pode proliferar. Apesar destes 50 anos de Abril, vejo esta democracia a carecer de um enorme e aprofundado melhoramento. Vivemos tempos onde a proximidade entre interesses privados e o bem público é a regra vigente da promíscua política nacional. A vida política é, atualmente, interpretada por atores que frequentam simultaneamente os dois mundos, o dos negócios e o da defesa do bem público, confundindo-se, em permanência, a lealdade que se deve ter ao povo com a fidelidade a quem os remunera. Sever do Vouga não é exceção. E, apesar de vivermos numa sociedade que reconhece o primado à dignidade da pessoa humana, o respeito e garantia dos direitos fundamentais ainda tem um longo caminho a percorrer. Há muito por fazer e o povo de Sever espera e reclama que cada responsável político faça mais e faça melhor. Minhas senhoras e meus senhores, tal como a política nacional, a política severense tem-se fragmentado cada vez mais numa repetição de divisões entre os políticos e o povo entre os jovens e os mais velhos, entre os do lado de lá e os do lado de cá do rio, entre os da vila e os da aldeia, entre os do nosso partido e os dos outros partidos. A política e os políticos não podem continuar a alimentar estas divisões, a atividade municipal não é um campeonato onde os nossos ganham ou perdem e as vitórias de uns são as derrotas de outros. A atividade autárquica tem de ser exigente nas suas ações, lutando para o bem

comum de forma a garantir que a vida dos Severenses, efetivamente progride e que as suas necessidades sejam atendidas. Sever do Vouga é um concelho livre. Cedrim, Couto de esteves, Dornelas Paradela, Pessegueiro, Rocas, Sever, Silva Escura e Talhadas são freguesias livres. A liberdade é minha, a liberdade é vossa e a liberdade é de todos. Viva Sever do Vouga, viva Portugal.-----

Presidente da Assembleia Municipal deu a palavra a António Monteiro, representante do Grupo municipal do CDS.-----

António Monteiro – Muito bom dia, senhor Presidente da Assembleia Municipal, senhor Presidente da Câmara, senhores vereadores, senhores presidentes de Junta e deputados municipais, ex-autarcas, autoridades civis, presidentes de coletividades aqui presentes e aqui as representam, crianças, muitas que aqui hoje nos acompanham. Hoje, celebram-se os cinquenta anos do 25 de Abril. É importante esta data porque, nesta data, nós celebramos a história e é mais importante do que nunca aprender com a história e aprender com a verdade dessa mesma história. Quem não aprende com a história acaba a repetir os erros do passado. Está condenado a repetir os erros do passado. Os Portugueses, muitas vezes, têm dificuldade em lidar com o seu passado, em aprender com o seu passado e, por isso mesmo, acabam por repetir os erros. Hoje, celebra-se o 25 de Abril, celebra-se a liberdade. Mas, é importante termos presente que só faz sentido celebrar o 25 de Abril se celebrarmos, também, o 25 de Novembro que foi a data que tornou essa liberdade irrecusável. É bom termos presentes que o regime que os militares depuseram no dia 25 de Abril caiu de podre. Caiu de podre porque não conseguiu olhar para aquilo que eram os seus próprios erros e quando se deu o 25 de Abril falou-se naquilo que eram os objetivos programáticos e eram os três dês. Descolonizar, democratizar e desenvolver. Na descolonização, aquilo que acabou por suceder, e é bom termos presente, é que, para além de se ter, efetivamente, descolonizado, se acabaram por entregar esses países aos russos, aos soviéticos, e houve cerca de um milhão de portugueses que vieram apenas com a roupa do corpo para Portugal. Esses portugueses são, muitas vezes, esquecidos e é importante numa data, como esta, relembrarmos que houve quem sofresse e quem tivesse que refazer a sua vida a partir do nada. Democratizar foi fundamental. Democratizar que se concretizou a eleição da Assembleia Constituinte e com uma constituição democrática. Foi importante porque tivemos as primeiras eleições livres e, também, porque já dois anos depois tivemos as primeiras eleições livres para as autarquias locais. É uma realidade que, hoje, poucas pessoas se recordam, mas é que antes do 25 de Abril quem governava os destinos do município era alguém nomeado pelo poder central. Neste momento, são os severenses que escolhem quem governa Sever e esse é, sem dúvida, aquilo que é um sinal do mais importante que é o poder mais próximo responder perante quem nele confia. E, é verdade, só faz sentido falarmos do 25 de Abril se falarmos, também, do 25 de Novembro a propósito da democracia porque depois da Assembleia Constituinte ter sido cercada pela extrema esquerda, depois de terem atacado a sede nacional do CDS e a tentar incendiar, depois de terem cercado o primeiro congresso do meu partido e terem procurado impedir que o CDS existisse na democracia, nós aqui estamos. Somos fundamentais para que exista opção, para que exista a possibilidade de escolha e que, para além da liberdade, se fale também de uma palavra que é muito importante que esteja presente na democracia que é a tolerância para com as ideias dos outros. Eu não sou obrigado a concordar com tudo o que os outros dizem, mas devo respeitar o direito das pessoas dizerem aquilo que consideram que é importante para elas dizerem. E, por fim, o desenvolvimento. O desenvolvimento foi uma promessa do 25 de Abril. O desenvolvimento é o maior anseio e a maior fragilidade que, neste momento, o 25 de Abril tem. É verdade. Numa altura em que temos o Serviço Nacional de Saúde a prestar piores serviços, em que a escola também atravessa crise, em que, tal como no passado, os jovens emigram, aquilo que é o principal desafio que nós todos temos enquanto responsáveis políticos, independentemente do cargo que ocupam ser mais importante ou menos, é garantir o desenvolvimento das nossas populações porque é esse desenvolvimento que dá oportunidade, é esse desenvolvimento

que dá esperança de uma vida melhor e é esse desenvolvimento que permitirá que o 25 de Abril não se transforme numa desilusão. E nós não queremos este “d” de desilusão, e que não se transforme numa desilusão que poderá pôr em causa aquilo que são os outros “d”, e o “d” fundamental da democracia. E, por isso, neste dia, este é também um novo desafio. Precisamos de servir as nossas populações e servir o seu desenvolvimento para podermos, finalmente, passar dos “d” de Abri para o e de esperança. De esperança para os mais novos, de esperança que junta os seus pais e os seus avós que conseguirão ter uma vida melhor e não precisam de emigrar e que esse sinal de esperança é o sinal que todos nós temos a obrigação de dar hoje e, por isso, termino esta minha intervenção dizendo Viva a Liberdade e Viva Portugal.-----

Presidente da Assembleia Municipal passou a palavra a João Oliveira, representante do grupo municipal do PS.-----

João Oliveira – Obrigado, senhor Presidente. Senhor Presidente da Assembleia Municipal e restantes membros da Mesa, senhor Presidente da Camara Municipal e restante executivo, senhores deputados, senhores presidentes de Junta de Freguesia, comunicação social, crianças aqui presentes, meus senhores e minhas senhoras. Um bom dia 25 de Abril, para todos vós. É, para mim, uma honra participar ativamente nas comemorações do 50º Aniversário do 25 de Abril do nosso concelho, e estar aqui hoje em representação do grupo parlamentar do Partido Socialista. Recordamos e celebramos hoje, com orgulho e com entusiasmo, o dia em que um grupo de corajosos militares levou a cabo um golpe de estado no nosso país. Recordamos e celebramos hoje uma revolução que, de uma forma praticamente pacífica, e com a adesão imediata e espontânea da população, em menos de 24 horas pôs fim a 48 anos de regime autoritário. Foi obra. Celebramos hoje cinquenta anos de democracia e a conquista da liberdade, e é importante recordar às novas gerações o antes 25 de Abril de 1974, bem como as conquistas pós 25 de Abril. É importante mobilizar os jovens para causas que honrem a democracia. O 25 de Abril de 1974 foi um dia inesquecível para todos aqueles que o viveram. Foi o dia em que, apesar dos constantes comunicados do MFA para não sair de casa, o povo cansado, de opressão, de exploração e de medo, não resistiu e saiu à rua, aplaudiu com júbilo e alegria os militares, e lhes agradeceu colocando cravos vermelhos nos canos das espingardas. Foi o dia em que o povo perdeu o medo. Foi o dia em que a Liberdade e a Soberania lhe foram devolvidos. Na madrugada e manhã desse dia, estava eu no serviço militar em Tomar a seguir os acontecimentos, ansioso por participar nas operações e com uma enorme inveja dos meus colegas que estavam no centro do furacão, em Lisboa. Antes do 25 de Abril vivíamos num país pobre, social e culturalmente atrasado. Orgulhosamente sós. Uma parte substancial da população vivia no obscurantismo, na miséria, sem acesso a condições dignas de saúde e de habitação. Muitas vezes sem água canalizada, nem luz, nem casa de banho. Muitos emigraram para fugir da pobreza, em busca de melhores condições de vida, ou para escaparem ao serviço militar obrigatório. A censura, a repressão e o uso da violência, eram instrumentos de uso diário do partido único e dos então governantes. A polícia política, a PIDE, tinha informadores (bufos) em todo o lado, para escutar as conversas. Imperava o medo na população. O medo de expressar a sua opinião, o medo de reunir e até o medo de ser acordado e levado da cama durante a noite. Notícias, música, literatura, cinema, arte, eram alvo de censura. Os opositores declarados ao regime tinham de sair do país, para não serem presos. Lembro-me de ouvir, às escondidas, a altas horas da noite, as emissoras clandestinas como a Rádio Argel, ou de escutar as canções proibidas do Zeca Afonso, Adriano Correia de Oliveira e outros cantores de intervenção. As mulheres casadas não podiam sair do país sem autorização escrita dos seus maridos. O direito ao voto era limitado apenas a alguns. As mulheres só tinham direito ao voto se tivessem o ensino secundário. A guerra colonial, em treze anos, ceifou a vida a quase nove mil jovens. Pensem nas mães, nos pais, nas esposas e nos filhos pequenos dos jovens que morreram, ou que regressaram mutilados ou psicologicamente e mentalmente afetados para sempre. Pensem também nos milhares de africanos mortos nas suas terras, a lutar

legitimamente pela independência do seu país. Pensem ainda nos milhares de pessoas que tinham a sua vida estabilizada nas ex-colónias e que, para além da guerra a que estiveram expostos, tiveram que partir de um momento para o outro, deixar tudo e refazer a sua vida do zero e iniciar um processo de adaptação a uma nova e amarga realidade. Também eles foram grandes vítimas da guerra colonial. Foi graças ao 25 de Abril que eu, depois de sair de casa de mala aviada, não embarquei para a Guiné e escapei aos horrores da guerra. O meu pai tinha emigrado para França em busca do sustento para a família. Recordo-me perfeitamente do rosto da minha mãe na hora da despedida. Eu não lhe disse que ia embarcar para a guerra, mas ela sabia-o. Tratou-se de uma despedida silenciosa, mas muito sentida. O marido da minha vizinha Zélia e pai do Tonito de três anos, tinha regressado há poucos meses da guerra em Angola, dentro de uma caixa de pinho. Cumprenos honrar e defender o legado dos militares de Abril e de milhares de democratas e antifascistas, alguns deles presos e torturados, que, de uma forma altruísta, com coragem, integridade e determinação, lutaram contra o fascismo. Cabe-nos a nós, defender os valores e as conquistas de Abril, e construir um presente e um futuro mais justos e mais promissores. O golpe militar conduzido pelo Movimento das Forças Armadas (MFA), pôs termo a um regime autoritário do Estado Novo, abrindo caminho para o fim da guerra colonial e para a democratização e desenvolvimento de Portugal. Restabeleceram-se as liberdades individuais e a democracia. Uma das principais conquistas do 25 de Abril foi o Serviço Nacional de Saúde (SNS). Antes a assistência médica não estava assegurada para todos. O acesso de todos ao ensino foi outra das grandes conquistas de Abril. O direito de voto de apenas alguns no partido único, deu lugar ao direito de voto, de todos os maiores de 18 anos, nas mais diversas forças partidárias. A universalidade do direito a férias pagas e pagamento do 13º mês foi outra das conquistas. Nós estamos hoje aqui reunidos, nesta Assembleia, graças ao 25 de Abril. Agora, quando comemoramos os 50 anos do 25 de Abril, estamos a assistir a uma onda galopante e preocupante de demagogia e populismo, bem como ao recrudescimento da xenofobia e do racismo, que põem em causa os valores e as conquistas de Abril. Temos de estar atentos, pois a Liberdade e a Democracia, com todos os seus defeitos e virtudes, constituem uma herança preciosa que queremos deixar às novas gerações, daí ser importante mobilizá-las para as causas que honram a Democracia, de modo a que construam um futuro mais justo e promissor. O 25 de Abril, magnificamente documentado por alguns dos grandes jornalistas e fotógrafos da época, permanecerá para sempre como um marco decisivo da nossa história coletiva. 25 de Abril sempre! Obrigado a todos.-----

Presidente da Assembleia Municipal passou a palavra a Diana Paiva, representante do grupo municipal do PSD.-----

Diana Paiva – Excelentíssimo senhor Presidente da Assembleia Municipal e restantes membros da Mesa, excelentíssimo senhor Presidente da Câmara Municipal e restante executivo, excelentíssimos senhores membros da Assembleia Municipal, excelentíssimos senhores dirigentes das entidades oficiais, excelentíssimos senhores dirigentes das coletividades e IPSS, excelentíssimos senhores autarcas e ex-autarcas, minhas senhoras e meus senhores. Comemoramos hoje os 50 anos do 25 de Abril, dia em que se iniciou a democracia no nosso país em que nos conseguimos libertar de um regime ditatorial e pudemos começar a saber o que é a liberdade. Liberdade, essa palavra tão cara a tantos de nós que viveram efetivamente as agruras da ditadura. Já o disse em tempos, nasci na ditadura, mas sempre vivi na democracia e por isso não tenho essa memória. Mas, muitos dos nós que aqui estão, nasceram e viveram esse período e sabem muito bem o que era não poder falar livremente o que pensavam sem medo de alguém, ligado ao regime, ouvir e acusar, ou então não poder estar reunido com amigos num são convívio. Hoje, nesta celebração, nesta sessão solene percebi que seria a única Mulher, enquanto Membro da Assembleia Municipal, a falar, por isso mesmo, enquanto Mulher, quero falar sobre a importância do 25 de Abril para nós mulheres. Temos consciência que o papel da Mulher sempre foi de extrema importância na vida de um país, mas a mulher foi sempre vista

numa situação de inferioridade, por isso mesmo foi tratada com demasiada injustiça na ditadura. Quase tudo lhe estava vedado que não fosse o papel de dona de casa, submissa ao homem, pai ou marido. A mulher, mesmo casada, era subalterna do Marido, este era considerado o chefe da família, papel determinado pelo código civil, administrando os bens comuns do casal e os próprios da mulher e dos filhos e detinha mesmo as responsabilidades parentais destes, à Mulher só cabia durante a vida em comum o governo doméstico, ou seja, só a casa. Imagine-se, que por lei, o marido tinha o direito a abrir a correspondência da mulher, nem havia autorizações a pedir ou a dar, era um direito seu, em caso de adultério o código penal previa os chamados crimes de honra. A mulher também não tinha adquirido o direito de voto universal, algo que os homens já tinham desde 1945, mesmo sem instrução ou sendo analfabetos. Algo que só as mulheres com equivalente ao curso de liceu (a escolaridade mínima obrigatória atualmente) ou se fossem "chefes de família" (por viuvez ou marido ausente), desde que com "idoneidade moral" (a quem competiria certificar essa qualidade?), e mesmo "instruídas" perdiam o direito se casadas com um marido com capacidade eleitoral. Havia mesmo profissões a que a mulher não podia aceder como a magistratura, a diplomacia, polícia, algo tão normal para nós agora. Partilho convosco a minha incredulidade (e vejo que há aqui várias professoras primárias do período anterior ao 25 de Abril) quando, já no final da minha adolescência, li um artigo sobre o período antes do 25 de Abril, qualquer coisa sobre as professoras primárias terem que pedir autorização ao Ministro de Educação para poder casar e ter que dar o currículo do noivo, vamos dizer assim. Questionei a minha Mãe, Professora Primária, que casou antes de 1974 a qual me confirmou esta situação, do pedido de autorização e ter que informar quem era o noivo, o que fazia, de que família era, algo muito estranho. Pelo menos para nós agora. Por isso, o 25 de Abril de 1974 foi um marco muito importante para a mulher, trouxe uma mudança de paradigma sobre a sua pessoa e o seu papel na sociedade. Houve várias revisões ao código civil nos anos 1975, 1976, mais especialmente em 1978, que alteraram o estatuto da Mulher no casamento reconhecendo já alguns direitos iguais na família, mas muito por fazer. A mulher casada deixou de estar dependente do marido. Desapareceu a figura do "chefe de família" bem como as disposições que atribuíam aos homens a administração dos bens do casal. O governo doméstico deixou de pertencer, por direito próprio, à mulher. A residência do casal passou a ser decisão de ambos os cônjuges. No poder parental, a Mulher deixou de ser apenas uma conselheira e passou a ter um papel de igualdade de pleno direito com o marido. Marido e mulher puderam acrescentar ao seu nome, no momento do casamento, até dois apelidos dele ou dela (aqui também falta fazer qualquer coisa). Já tivemos mulheres a aceder à magistratura judicial, em 1977 tivemos a primeira mulher Juiz, Ruth Garcês, seguindo-se outras tantas nas várias profissões que agora estamos habituamos a ver. Como disse, muito ainda está por fazer. Falta ver uma mulher a ocupar um dos dois altos cargos no nosso país Presidência da República e Chefe de Governo, eleitas para tal. Mas, um dos direitos fundamentais alcançado pelas mulheres foi, sem sombra de dúvida, o direito ao voto universal, todas as mulheres, livremente, independentemente da sua condição podiam exercer o seu direito ao voto. Por isso, levamos muito a sério a possibilidade de ir a uma mesa de voto, receber um boletim e poder escolher. Com a democracia aprendemos o que era liberdade, liberdade de expressão, liberdade de reunião, liberdade de escolha, liberdade de votar. Esta responsabilidade de poder exercer livremente um direito, um dos direitos previstos na nossa constituição. Mas, não tenhamos ilusões de que esta liberdade trouxe, porém, muitas responsabilidades que muitos de nós, por vezes, esquecemos. Esquecemos porque muitos de nós, mais novos, não temos memória destes tempos que descrevi, e tomamos como um direito natural, adquirido, e se esquece toda esta luta. Por isso é fácil cair em populismos. Populismo esse, que é a forma mais fácil de fazer política, com alertas exagerados e manipulação de opiniões, populismo que se vai verificando ao nível mundial, europeu, nacional e, até mesmo local. É, por vezes, a nível local que mais se vê esse populismo, que vem misturado com algum desconhecimento de leis, regulamentos e

funções a exercer, com outros discursos inflamados, com apoio externo, vindo de outras terras, com mais desconhecimento e mais discursos inflamados, com atropelo de direitos, liberdades e garantias dos outros, mas, principalmente, pelo respeito do outro, em que se confunde liberdade de expressão com má educação ou ofensa. O 25 de Abril trouxe aos eleitos a responsabilidade de saber exercer o cargo em prol das pessoas que os elegem, pois que neles depositaram as suas esperanças e anseios. A nós, que aqui estamos, cabe-nos saber exercer o cargo da melhor forma, o mais desprendida possível. Muito obrigada. Viva Sever do Vouga, viva Portugal, viva o 25 de Abril, viva a liberdade.-----

Presidente da Assembleia Municipal passou a palavra ao Presidente da Câmara Municipal, Pedro Amadeu Lobo.-----

Presidente da Câmara Municipal – Excelentíssimo senhor Presidente da Assembleia Municipal, excelentíssimas senhoras e senhores vereadores, excelentíssimas senhoras e senhores membros da Assembleia de Municipal, demais autarcas aqui presentes, autoridades civis e militares, ilustres convidados, órgãos da comunicação social, caras e caros concidadãos e munícipes, minhas senhoras e meus senhores. Comemoramos, hoje, com vigor e empenho democráticos, o acontecimento mais importante da nossa história recente. Precisamente 50 anos depois daquele dia "inteiro e limpo", citando as palavras eloquentes da poetisa Sophia de Mello Breyner Andersen. Há cinquenta anos, os portugueses ergueram-se contra um regime opressivo, que sufocava as liberdades individuais, limitava os direitos humanos e reprimia qualquer voz dissidente. Não celebramos apenas a queda de um regime, mas sim o nascimento de uma nova era de esperança e progresso, no nosso país. O 25 de Abril é mais do que uma simples data: é um lembrete constante do valor da liberdade e da democracia. É uma oportunidade para reconhecermos que esses valores não são garantidos, mas conquistados através do esforço coletivo, do desígnio do serviço público e da participação cívica. O legado de Abril é incontestável. Logo à partida pelo carácter pacífico e original da Revolução dos Cravos. Depois, por termos consolidado uma Democracia sustentada numa Constituição avançada, em eleições livres e em instituições autónomas. Em terceiro lugar, por uma integração bem-sucedida na União Europeia, junto de parceiros vigorosamente democráticos e cooperantes. Finalmente, pela melhoria acentuada da qualidade de vida da generalidade da população, designadamente na educação e na saúde. Mas sabemos hoje, que nada está garantido. Vivemos, à escala global, num contexto de enormes incertezas e perplexidades, devendo, por isso, mantermo-nos vigilantes e exigentes e cada vez mais ativos civicamente. Sempre, sempre, sempre movidos pelo bem comum, sem egoísmos pessoais ou nacionais. A pandemia, a guerra na Ucrânia, o conflito entre Israel e a Palestina todos os dias nos lembram como serão difíceis e conturbados os tempos que nos aguardam. Ainda há poucos anos era inimaginável que iria deflagrar uma guerra na Europa, que envolvesse milhões de vítimas, entre mortos, feridos e refugiados. Mas, também a nível nacional vivemos ameaças. Em primeiro lugar, a crise financeira e a estagnação económica que levaram a um aumento da desigualdade de rendimentos e que provocaram descontentamento nos trabalhadores e na classe média. Em segundo lugar, houve uma intensificação dos movimentos migratórios que fez aumentar a revolta contra os recém-chegados, o medo do outro, a xenofobia e o racismo. Em terceiro lugar, as redes sociais que inegavelmente estão a contribuir para a crise da Democracia, ao darem voz e palco a partidos e líderes populistas que prometem aquilo que as pessoas gostam de ouvir, mesmo que seja irrealizável ou até mesmo atentatório aos mais elementares direitos humanos. A nível concelhio temos assistido a uma progressão de populismos e iliberalismos com comportamentos que assentam no ódio, na dissimulação e na mentira. Na ânsia desmedida de um protagonismo que, na procura de *likes* e comentários ofensivos, escolhidos a dedo, por pessoas influenciáveis que sentem prazer na ofensa e na maledicência. Contra estes populismos é premente que cada cidadão reforce a sua fé cívica nos princípios da Igualdade e da Fraternidade e que todos lutemos, corajosamente em liberdade, pelas nossas convicções e por uma sociedade mais justa e mais ética. Igualmente os racismos, são uma

ferida cada vez mais aberta nas nossas sociedades, alegadamente desenvolvidas. Ninguém melhor do que Nelson Mandela para nos alertar e responsabilizar sobre esse ideário incivilizado. Para esse mestre humanista, o racismo, como a violência e a pobreza, são fruto de ideias e ações humanas e como tal é responsabilidade de todos nós acabarmos com essas feridas que nos envergonham. No meio de todos estes combates e desafios competemos seguir em frente, cultivar o otimismo, trabalhar no Mundo que nos foi legado e deixá-lo melhor aos nossos filhos e netos. No mundo, em Portugal e em Sever do Vouga. É, pois, com muito ânimo e intento que encaramos os próximos anos. Queremos continuar a fazer de Sever do Vouga um lugar de esperança, de solidariedade, de prosperidade e de paz. Um lugar onde todos os que aqui moram se reconheçam nestes valores. Esperam-nos novos investimentos na melhoria da habitação, com a Estratégia Local de Habitação em desenvolvimento, na saúde, com um novo Centro de Saúde em Sever do Vouga e novas extensões de saúde, fundamentais para a fixação de médicos tão precisos ao longo de todo o concelho, na criação de emprego com o alargamento e criação e novas zonas industriais, no turismo com o aparecimento e desenvolvimento de soluções digitais integradas numa estratégia praticamente a nível nacional, como é exemplo a nossa app, no apoio à família com o incentivo à natalidade, a abertura de creches, o apoio com bolsas de estudos aos nossos estudantes. Até nos acessos, o famoso IC35 aguardado há tantos anos, esperamos em breve apresentar o traçado e passar à construção desta via, sem esquecer um melhoramento da nossa rede viária com milhares de metros quadrados pavimentados. Caras e caros severenses, neste dia, permitam-me que recorde, e cite, um dos grandes lutadores pela liberdade e um dos maiores poetas contemporâneos, Manuel Alegre. Foram dias foram anos a esperar por um só dia. Alegrias. Desenganos. Foi o tempo que doía com seus riscos e seus danos. Foi a noite e foi o dia na esperança de um só dia. Agora que o tempo decorrido em liberdade superou os longos anos de ditadura, saibamos honrar todos aqueles que, com uma enorme coragem e altruísmo, fizeram do sonho realidade. A nossa homenagem a todos os capitães de Abril, representados na figura de Salgueiro Maia, *“aquele que na hora da vitória respeitou o vencido, aquele que deu tudo e não pediu a paga, aquele que na hora da ganância perdeu o apetite”*, como um dia lhe escreveu Sophia de Mello Breyner. Salgueiro Maia tornou-se um símbolo da integridade e honradez, no início de um país de Liberdade e de Solidariedade. Saibamos passar às gerações pós 25 de Abril o amplo significado da revolução e, sobretudo, sejamos capazes de pôr no presente as lutas sempre inacabadas pela liberdade, pela justiça e pela igualdade. Como políticos deste concelho, temos responsabilidade para com o povo que nos elegeu. Somos os protetores da democracia, das políticas públicas e os representantes do interesse público. O 25 de Abril deu-nos direitos, mas também obrigações claras e inegociáveis, tais como garantir a liberdade de expressão, a igualdade perante a lei, o acesso aos serviços fundamentais à vida deste concelho. A confiança dos cidadãos só pode ser mantida se estas forem transparentes, responsáveis e justas. Neste 25 de Abril, quero deixar claro que a luta pela liberdade e pela democracia é contínua. Enquanto houver injustiça, desigualdades e opressão, o nosso propósito não estará completo. Que o espírito desta data nos inspire a continuar a luta pelos ideais de liberdade, justiça e igualdade. Que possamos honrar o legado daqueles que vieram antes de nós, mostrando que a democracia é mais do que um sistema político – é um compromisso comum com a dignidade humana e a prosperidade de todos os portugueses. Viva o 25 de Abril! Viva a liberdade! Viva Portugal! Viva Sever do Vouga!-----

Presidente da Assembleia Municipal – Senhores deputados municipais, não sabem há quanto tempo eu esperava para vir aqui falar, também, o quanto me apetecia, às vezes, vir aqui discutir e entrar no debate junto convosco. Mas, hoje, não estamos cá para isso. Excelentíssimo senhor Presidente da Câmara Municipal, excelentíssimas senhoras e senhores vereadores, excelentíssimos senhores membros da Assembleia Municipal, excelentíssimas senhoras e senhores presidentes de Junta de Freguesia e demais representantes autárquicos presentes, excelentíssimas autoridades civis, militares e

religiosas, excelentíssimos convidados, representantes das nossas associações e coletividades, culturais, recreativas, desportivas e sociais, excelentíssima senhora Diretora do Agrupamento de Escolas de Sever do Vouga, excelentíssimo público e comunicação social. A todos vós, apresento as minhas saudações e os meus respeitosos cumprimentos, agradecendo a vossa presença, que muito nos honra e que dignifica e engrandece esta sessão solene da AM, comemorativa do 50º aniversário do dia 25 de Abril de 1974. Celebramos, hoje, os cinquenta anos da revolução do dia 25 de Abril de 1974, que ficou conhecida como a “Revolução dos Cravos” e que derrubou o longo regime de ditadura vigente em Portugal. A Assembleia Municipal não poderia ficar indiferente a esta efeméride e daí a iniciativa de realização desta sessão solene da Assembleia Municipal (englobada num programa mais vasto, conhecido de todos), apoiada desde a primeira hora, não só pelo Município, mas também por todos grupos municipais que compõem esta Assembleia. É sabido que, por regra, e infelizmente, não era celebrado o dia 25 de Abril no nosso concelho. Da pesquisa efetuada pelos nossos serviços de apoio (e espero não estar a incorrer em nenhum erro), apenas registamos a realização de duas sessões solenes da Assembleia Municipal, comemorativas do dia 25 de Abril – uma em 25 de Abril de 2000 e outra em 25 de Abril de 2001, era então Presidente da Assembleia Municipal o excelentíssimo senhor Eng.º Armelim Amaral. Por isso, não posso deixar de felicitar o atual executivo da Câmara Municipal que vem assinalando todos os anos a data, nomeadamente com a cerimónia singela, mas solene e digna, do hastear das bandeiras nos Paços do Concelho ao som do hino nacional. Estaremos todos de acordo que, hoje, mais do que nunca, é pertinente registar e lembrar o significado da revolução de Abril e a sua importância para a nossa democracia, sem esquecer que o dia 25 de Abril trouxe-nos a liberdade, sem dúvida, mas a democracia só se conquistou com o dia 25 de Novembro de 1975. É bom ter presente que, dos portugueses de hoje, mais de 50% ainda não eram nascidos em 25 de Abril de 1974 e muitos de nós, como é o meu caso, naquela data, não tínhamos bem a consciência do que era o regime ditatorial, a falta de liberdade, a censura, a inexistência de eleições livres, o atraso social, cultural e económico do nosso país. Eu posso falar por mim que, à data com 11 anos e com poucos meios de comunicação e de informação ao dispor da generalidade dos cidadãos, tenho apenas registado na memória aqueles dias de Abril de 1974 como a altura em que o meu pai comentou que, finalmente, iria acabar a guerra em África ou, ainda, a evidente mudança de atitude que verificamos na escola/colégio por parte de alguns professores na sua relação com os alunos. Por isso, registo com apreço a presença nesta sessão solene da Assembleia Municipal de um grupo de alunos do 4º ano do nosso agrupamento escolar, para que, de algum modo também participando nela, percebam o funcionamento de uma Assembleia Municipal e a sua importância e, acima de tudo, para que tomem consciência dos valores da liberdade e da democracia, ou melhor, para que tomem consciência do que seria a falta de liberdade, nomeadamente para estarmos aqui reunidos. Por norma, só se dá valor à liberdade quando, por algum motivo, a perdemos. Talvez que a grande omissão da nossa sociedade e dos nossos governantes ao longo destes cinquenta anos (e que persiste), seja o descurar de uma pedagogia efetiva e constante sobre os valores da liberdade e o exercício da democracia. Daí que, felicite aqui publicamente os nossos professores e alunos pelo programa desenvolvido nestes dias a propósito destes valores. É verdade também que, demasiadas vezes ao longo destes cinquenta anos de democracia, temos assistido a erros crassos dos nossos governantes e dos agentes políticos em geral, temos assistido sucessivamente a casos gravíssimos de corrupção e de falta de ética quer no exercício da governação, quer ao nível dos aparelhos partidários; verificamos ainda como os atributos técnicos, académicos e, principalmente, a ética dos nossos governantes e representantes parlamentares e, também, autárquicos, se vem degradando, a maior parte das vezes para assegurar e privilegiar a manutenção de cargos políticos nas chamadas clientelas partidárias. Sabemos bem que estas situações, e principalmente a corrupção (mais ou menos descarada e a todos os níveis da nossa administração pública), provocam a

descrença, a revolta e são suscetíveis de minar e pôr em risco o nosso regime democrático. O dia 25 de Abril não é, nem pode ser, apenas um dia de feriado nacional no nosso calendário. Cada vez mais, este dia deve ser lembrado para valorizar a nossa liberdade e o estado de direito democrático em que vivemos e que temos obrigação de defender. A este propósito, não poderei deixar de referir a importância e o papel das assembleias municipais, como expoente máximo do regime democrático local e a necessidade da sua valorização, dignificação e autonomia face às Câmaras Municipais, como forma de garantir uma efetiva fiscalização e maior qualidade da governação local. É muito preocupante que haja quem considere as assembleias municipais, e também as freguesias, como um empecilho e um estorvo à governação das autarquias locais. Mas também devemos reconhecer que nós, membros da Assembleia Municipal, temos a obrigação de dignificar, com o nosso trabalho e com os nossos atos, o papel das Assembleia Municipal como órgão deliberativo do poder local. Por isso, como Presidente da Assembleia Municipal de Sever do Vouga, não posso deixar de lamentar a forma leviana e irresponsável como, muitas vezes, aproveitando o mediatismo do momento, se usam as sessões das Assembleia Municipal para marcar uma agenda política ou pessoal, ou a forma desabrida como se passa ao ataque pessoal, às insinuações insidiosas ou até ao insulto. O que se exige de todos os nós é que sejamos um exemplo na forma como, na divergência e pluralidade de ideias e até de ideais, expomos e discutimos os assuntos que nos cabe a nós, Assembleia Municipal, apreciar e decidir, porque, só assim, contribuiremos verdadeiramente para resolver os problemas dos severenses e só assim garantimos o prestígio da Assembleia Municipal e nos prestigiaremos a nós próprios, desde logo prestando um tributo a quem nos mandatou para este honroso cargo. Para concluir: quando assistimos aos horrores da guerra na nossa Europa e no Médio Oriente, quando verificamos o ressurgir, ou ressuscitar, de movimentos e governos defensores de ideais cada vez mais extremistas, quando se percebe que os conceitos da liberdade e da democracia começam a ser relativizados perante muitas circunstâncias e variáveis de ocasião, ou por mero oportunismo político para se chegar ao poder, então, somos levados a reconhecer que o velho e batido slogan “25 de Abril sempre”, que eu nem sequer aprecio particularmente, é capaz de fazer mais sentido. Termino citando o jornalista Miguel Sousa Tavares, que caracterizou o dia 25 de Abril como *“um dia absurdamente feliz e irrepetível, daqueles que só acontecem uma vez em cada século na vida de um povo”*. Viva o 25 de Abril, viva Sever do Vouga, viva Portugal. Terminadas as intervenções, a assembleia considera-se formalmente encerrada, pelo menos em termos de ata. Contudo, fora do registo desta sessão, e considerando aqui uma espécie de intervenção do público, que não está prevista no Regimento, convidava-vos a assistir a uma intervenção dos nossos alunos do 4º ano agradecendo, desde já, à Professora Celeste Silva pelo seu trabalho e o seu contributo juntamente com os alunos nestas comemorações do 25 de Abril.----- Nada mais havendo a tratar, deu-se como concluída esta sessão, cuja ata em minuta foi aprovada, por unanimidade, no final, para produzir efeitos de imediato, tendo sido elaborada a presente ata, que vai ser assinada pelo Presidente deste órgão e por mim, Carla Alexandra Pereira da Silva, funcionária designada para o efeito, que a redigi.-----